

Os preparativos para uma Boa Morte entre os terceiros Carmelitas.

Nívea Maria Leite Mendonça*

Introdução

Durante o Brasil Colonial, assistimos uma aproximação da Igreja com os fiéis, proporcionado após o Concílio Tridentino, que dispôs o contato mais íntimo com o sagrado oferecido pela intercessão dos santos, que os tornavam mais familiar, isto é, mais próximos das pessoas. Juntamente com a devoção aos santos, verifica-se uma maior devoção à Virgem Maria, mãe de Deus, como sendo a principal devoção particular mais comum, que fora trazida pelos colonos portugueses para as terras de além-mar.

A introdução de várias associações religiosas sob a vocação de diferentes oragos que se espalharam por toda a Colônia Portuguesa na América; com o apogeu da exploração aurífera, as terras do Ouro abririam as portas para a chegada de colonos que foram ao território em busca do metal precioso, mas trouxeram consigo suas crenças e devoções particulares. Neste sentido, surgiram várias associações religiosas de leigos sob os mais diferentes oragos. E na metade de século XVIII, despontam as Ordens Terceiras de São Francisco e de Nossa Senhora do Carmo.

A devoção a Nossa Senhora do Carmo chegou a Capitania de Minas Gerais, com os portugueses que introduziam esse devotamento na região. Segundo Sérgio da Mata, o culto à Virgem Maria assemelha-se ao culto aos santos, mas encontrava a um patamar distinto (MATA, 2002: 121); devido a importância do culto mariano, na região mineradora, verifica-se pela nomeação de várias paróquias e vilas, sendo contabilizado cerca de “94 diferentes invocações de Maria no período colonial” (MATA, 2002: 122).

Na metade do século XVIII, surgiria em terras mineiras as Ordens Terceiras (São Francisco e Carmo). A Ordem Terceira do Carmo se estabeleceu em Minas por volta de 1745 (1746) como foi observado pelo Cônego Raimundo Trindade (1951:104), e por William Martins, pois “a instalação das Ordens Terceiras na Capitania de Minas Gerais pôde concretizar-se apenas a partir de 1745, quando os provinciais do Carmo e de São Francisco do

Rio de Janeiro delegaram a padres seculares locais os comissariados de cada fraternidade fundada”. (MARTINS, 2009:93). Já que, na região mineradora não se poderia fixar as ordens regulares devido à má conduta de alguns religiosos, o que afastou desta região o clero regular. De acordo com a definição de Caio Boschi, as Ordens Terceiras eram:

(...)associações pias que se preocupavam com a perfeição da vida cristã de seus membros. Embora vivendo no século, os terceiros se vinculavam a uma ordem religiosa, da qual extraem e adaptam regras para uma vida cristã no mundo. Tais regras, no entanto, devem ser aprovadas pela Santa Sé” (BOSCHI, 1986:19).

Em “Os leigos e o poder”, Caio Boschi (1986) relaciona a quantidade de cinco (5) Ordens Terceiras invocadas sobre a proteção de Nossa Senhora do Monte do Carmo, que existiram na Capitania de Minas Gerais, durante o período colonial.

Os ex-votos e suas características

A religiosidade que chegou a Capitania das Minas tinha como principal característica a devoção individual e grupal. Os fiéis ao inserir-se em associações religiosas como a Ordem Terceira do Carmo; buscavam se aliar em sua fé para a obtenção da salvação de suas almas. O catolicismo tinha como principal embasamento as práticas votivas. Tais práticas são relacionadas à existência de uma crença no sobrenatural, isto é, no sagrado, que estaria tão próximo do fiel, que esse conseguiria a intercessão dos “santos” que poderiam atendê-lo, em seus anseios.

Os ex-votos são testemunhas da fé particular; por isso, são colocados em salas ditas “dos milagres” localizadas em igrejas e santuários católicos. Os ex-votos são encontrados de várias formas: esculturas, quadros pictóricos, fotografias, mechas de cabelo, dentre outros meios. São fragmentos da experiência mística com o sagrado que o fiel expõe para que outros vejam e com isso se propague cada vez mais a fé e a devoção àquela entidade religiosa.

Os ex-votos se mostram como documento dentro da História cultural, de acordo com Michel Vovelle, (VOVELLE, 1991) revela os aspectos da relação do homem com Deus; a presença do sagrado e do milagre na vida cotidiana, contribuindo para o estudo das atitudes religiosas populares (REINATO, 2010).

Imaginário religioso: caso dos ex-votos dedicados à Nossa Senhora do Carmo

A religiosidade popular expressada nos ex-votos comprova, de certa forma, uma cultura popular que expressa a relação do homem com o sagrado e do “milagre na vida desses indivíduos, o que contribui aos historiadores, um estudo das práticas populares religiosas”. (REINATO, 2010:314). O ex-voto exprime, após a desobriga, um testemunho de uma crença religiosa vinculada à presença do sagrado. Neste sentido, os ex-votos são colocados em ambientes que envolvem o sentido do sagrado como as ditas “salas dos milagres”, lugar geralmente, acoplado as igrejas ou santuários que registra a memória devocional- individual. Sendo assim, a imagem expressada nos quadros votivos é uma reprodução da realidade invisível, ou seja, do sagrado. Ela apresenta atributos e adereços para explicitar uma vocação específica. Neste sentido, o devoto buscava constantemente sua salvação terrena e momentânea como a cura dos males físicos que se exprimem nos ex-votos.

A maior coleção de ex-votos de Minas Gerais encontra-se em Congonhas; e em São João Del Rei, tem-se o segundo importante conjunto: da Ordem Terceira do Carmo (de São João Del Rei¹) e de São Bom Jesus desta cidade. Durante o período colonial, a forma de arte que se encontrava no Brasil baseava-se numa arte de cunho devocional. Predominando, neste cenário, a arte sacra. Inúmeras igrejas, oratórios e ex-votos nos dão um melhor entendimento desta forma artística encontrada no século XVII e XVIII no Brasil.(LEVY, 1944:149)

Abaixo analisaremos dois ex-votos dedicados a Nossa Senhora do Carmo, o primeiro quadro que pertence a Ordem Terceira do Carmo de São João Del Rei e o segundo ex-voto também dedicado a Nossa Senhora do Carmo que se encontra no Santuário de Congonhas.

¹ Atualmente custodiados no Museu Regional desta cidade



Figura 1) Ex-voto: Museu Regional de São João Del Rei²

Neste ex-voto dedicado à Nossa Senhora do Carmo, que se encontrava na sacristia da igreja da Ordem Terceira de São João Del Rei e que hoje está sob custódia no Museu Regional de São João Del Rei. Neste ex-voto, percebemos o emprego de técnicas em que as disposições dos elementos explicitam a cena: a aparição de Nossa Senhora do Carmo. Destaca-se o uso de um “verbete”, isto é, uma explicação que relata o ocorrido com o devoto, à cena pintada mostra-nos o moribundo em seu leito, embrulhado em cobertor branco e vermelho, sendo assistido por dois cirurgiões e uma serviçal. No canto direito, da pintura surge a imagem de Nossa Senhora do Carmo sob as nuvens. No quadro em questão, se explica o verbete:

Mercê que fez Nossa Senhora do Carmo a José Alves Cardoso que indo de noite pela ponte do Rosário desta Vila lhe deram uma facada no peito de que

² Fontes da Imagem: fotografias pertencentes à Nívea Maria Leite Mendonça, tiradas em abril 2015.

esteve a morte assistido de dois cirurgiões, e apegando-se com muita fé com a Virgem Senhora do Carmo teve saúde perfeita, ano de 1765³.

Este ex-voto relata sobre um “assalto” ocorrido por este devoto que estando ele, em perigo de morte buscou, então, a ajuda de sua “santa de devoção”. A pintura mostra, portanto, a história de vida desta pessoa que se salvara e que foi testemunha da ação salvadora de Nossa Senhora, divulgando e espalhando assim, a devoção da Virgem do Carmo.

Neste outro ex-voto, que pertence à sala de milagres do Santuário de Congonhas em Minas Gerais, notamos também emprego de técnicas em que se sobressai os elementos de caráter devocional. Distingue-se o uso do “verbete” onde é contado o ocorrido com o devoto, à cena pintada exhibe o moribundo em seu leito, embrulhado em cobertor branco e vermelho. No canto direito, da pintura surge à imagem de Nossa Senhora do Carmo entre nuvens que segura o Menino Jesus com os escapulários.



Figura 2) Ex-voto pertencente ao Santuário de Congonhas/MG⁴

³ Ex-voto pertencente ao Museu Regional de São João Del Rei

A descrição do verbete não está clara, por isso, não conseguimos identificar o que está escrito devido à má conservação deste ex-voto. Logo, não dá para identificar quem é o doente e o que ocorreu com ele. Todavia, acreditamos ser uma pessoa devota que pediu a intercessão de Nossa Senhora do Carmo e que foi atendida. E como expressão de agradecimento fez este ex-voto que, de certa forma, contribuiu na divulgação da devoção à Virgem do Carmo.

Notamos, que os dois ex-votos acima possuem características bem semelhantes: a disposição dos personagens em cena, as cores usadas (os cobertores, por exemplo, têm as mesmas cores); não sabemos nada sobre o artista que pintou esses quadros votivos.

A espera da Boa Morte

A constante busca de salvação na hora derradeira, isto é, no momento da morte e o futuro espiritual da alma; era a possível motivação de participação laica em agremiações religiosas, já que, como disse São Paulo “a salvação vem pela fé” e é nesta fé que os devotos colocavam suas esperanças; e a forma de gratidão encontrada por esses devotos, quando uma graça fosse alcançada era os ex-votos, e no caso de morte, que esta fosse provida de ritos próprios e dignos para um bom morrer. Segundo Adalgisa Campos, a boa morte tornou-se um motivo recorrente com o declínio da Idade Média, o “bem morrer constitui o assunto de maior relevância para o católico, pois se considera que dele depende, em grande parte, a salvação.” (CAMPOS, 2007: 396-397) E para se alcançar a salvação, os fiéis buscavam nas agremiações religiosas, meios para obter a eternidade. A Virgem do Carmo aparece como uma poderosa intercessora que livraria as almas dos devotos da danação eterna, com o uso do santo escapulário. Nas Minas Gerais, somente os membros da fraternidade, isto é, da Ordem Terceira do Carmo tinham tal privilégio de usar este objeto de devoção.

Os manuais do bem morrer divulgados a partir da Contra Reforma instruíam que “o homem não [poderia] esperar à hora da morte para se converter, mas se [deveria se] preparar para a morte durante toda sua vida” (ARIÉS, 1981:209); Teresa de Jesus, uma das principais

⁴ Fontes da Imagem: fotografias pertencentes à Nívea Maria Leite Mendonça, tiradas em junho 2014.

santas da Ordem Carmelita deixou obras, que são verdadeiros manuais de como os indivíduos deveriam caminhar durante a vida terrestre para alcançar o Paraíso. Teresa de Jesus ou Teresa D'Ávila escreveu "O Caminho da perfeição" Neste livro, a santa de Castela orienta qual o caminho que o indivíduo precisaria percorrer para que tivesse a alma um bom destino, isto é, a perfeição eterna. Neste sentido, Teresa de Jesus afirmava da necessidade de refletir sobre a morte redentora de Cristo; suscitando assim, em cada devoto o sentimento de culpa e o arrependimento dos pecados.

Com efeito, a preparação para o bem morrer começava ainda em vida como a prática da caridade, da mortificação da carne como as abstinências, jejuns e penitências, que os fiéis deveriam fazer além de deixar seus testamentos, que eram vistos como "um documento para a salvação da alma e era uma verdadeira prece generosa feita a Deus" (CAMPOS, 2007: 388). Todas essas práticas religiosas demonstrava a preocupação que o indivíduo tinha, sobretudo com o juízo particular (CAMPOS, 2007: 362). Por essa razão, o habitante das Minas Gerais se preocupava com os gestos concretos e de misericórdia para com o próximo, assim poderia chegar à redenção eterna.

Com efeito, as Irmandades e Ordens Terceiras "tornaram-se instituições de morte, e assim permaneceram por muito tempo. Seu desenvolvimento no sec. XIV está ligado às mudanças que deram, então, aos funerais e aos cultos para os defuntos, o caráter de solenidade religiosa e de acontecimentos eclesiásticos" (ARIÉS, 1981: 198) Os irmãos terceiros do Carmo se sentiam aflitos perante esta realidade (morte), por isso, recorriam à agremiação para se prepararem para este momento, e tendo como apoio o seu grupo de identificação associativo, para que este momento fosse mais ameno. Contudo, os confrades tinham preocupação com a morte, seja no preparo com as sepulturas (no interior da Igreja e posteriormente, com o Cemitério da Ordem e irmandades); e também, com as missas pelas almas dos irmãos defuntos.

A igreja procurava destacar a enorme difusão do bem morrer, baseando no culto pagão dos antepassados e dos mortos. Logo, a Igreja Católica ficou encarregada de enterrar os corpos dos fiéis cristãos defuntos nas suas igrejas e cemitérios, dos quais era proprietária: porque como são lugares a que todos os fiéis concorrem para ouvir, e assistir as Missas e Ofícios divinos e orações tendo à vista as sepulturas se lembraram de encomendar a "Deus às

almas dos ditos defuntos especialmente os seus, para que mais cedo sejam livres das penas do Purgatório”⁵.

Uma vez garantida à sepultura, era necessário o cuidado com o destino da alma, por isso, muitos irmãos, antes de morrerem, deixavam, em testamento, pagas as missas de sufrágios pelas suas almas. O número de missas variava de acordo com a posse de cada irmão. Geralmente, se rezavam de 20 a 40 missas⁶ por cada irmão da Ordem Terceira do Carmo de Vila Rica, como atestou a certidão de que a missa fora rezada:

Certifico que o Reverendo Padre Manoel da Fonseca disse vinte missas pela alma do [Capitão] Antônio Roiz Velho irmão terceiro desta Ordem cujas missas disse por ordem desta Mesa e recebeu por esmola [das] [dadas] vinte missas dez oitavas de ouro do irmão tesoureiro, o que tudo consta da Certidão que passou e que [lhe] reporto. Vila Rica, 9 de novembro de 1765⁷

As missas eram vistas como a mais sublime oração, o maior socorro espiritual que se poderia oferecer a alma de um irmão devoto (CAMPOS, 2013: 116).

Assim, as possibilidades de salvação das almas eram diversas, porém cada fiel deveria fazer sua parte em vida para assegurar sua passagem ao Paraíso, desta forma as associações religiosas mineiras atraíram diversas pessoas que buscavam a salvação e que, por isso, ingressavam nestas confraternidades que surgiram ao longo do século XVIII, na Capitania de Minas Gerais.

Conclusão:

Os irmãos terceiros Carmelitas, juntamente com as demais irmandades, foram os principais promotores da divulgação da fé e da devoção Católica na região das Minas. Cada membro leigo participante soube conquistar seus espaços dentro de cada corporação, pois a filiação a uma ou mais irmandades e Ordens Terceiras significava a busca individual pelo sagrado, já que “a salvação vem pela fé” e é nesta fé que os devotos colocavam suas

⁵ Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia Livro IV Tit. LIII

⁶ AEPNSP/OP. Livro de distribuição de Missas de sufrágios da Ordem Terceira do Carmo. Vol. 2502

⁷ AEPNSP/OP. Livro de distribuição de Missas de sufrágios da Ordem Terceira do Carmo. Vol. 2502

esperanças. A gratidão encontrada pelos devotos, quando uma graça fosse alcançada era a confecção de ex-votos. E em caso de morte, que esta fosse provida de ritos próprios e dignos para um bom morrer, assegurando ao fiel a rápida passagem pelo purgatório e a chegada ao Paraíso.

Fonte citada

VIDE, Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* feitas e ordenadas pelo ilustríssimo e reverendíssimo senhor D. Sebastião Monteiro da Vide 5º arcebispo e do Conselho de sua Majestade: proposta e aceita em Sínodo Diocesano, que o dito senhor celebrou em 12 de junho de 1707. 1ª ed. Lisboa 1719 e Coimbra 1720. São Paulo: Typografia 2 de Dezembro de Antônio Louzada Antunes, 1853. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007.

* Livro IV Tit. LIII

AEPNSP/OP (Arquivo Eclesiástico da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto). *Livro de distribuição de Missas de sufrágios da Ordem Terceira do Carmo*. Vol. 2502. Período 1765

Referências Bibliográficas.

ARIÈS, Phillipe. *O homem diante da morte*. Ed. Francisco Alves. Vol. I, Rio de Janeiro, 1981.

BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o poder: Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Escatologia, iconografia e práticas funerárias no barroco Mineiro*. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage e VILLALTA, Luiz Carlos (orgs). *As Minas Setecentistas- 2*. Autêntica- Companhia do tempo. Belo Horizonte, 2007,

_____. *As Irmandades de São Miguel e as almas do Purgatório: culto e iconografia no setecentos mineiro*. Belo Horizonte, C/Arte, 2013.

LEVY, Hannah. *Modelos europeus na pintura colonial*. Texto originalmente publicado na *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, vol. 8, Rio de Janeiro, 1944.

MARTINS, William de Souza. *Membros do Corpo Místico: Ordens Terceiras no Rio de Janeiro (c. 1700-1822)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

MATA, Sérgio da. *Chão de Deus: Catolicismo popular, espaço e proto-urbanização em Minas Gerais. Brasil. Séculos XVIII-XIX*. Wiss.Verl. Berlin, 2002

REINATO, Eduardo José. *Imaginário Religioso nos ex-votos e nos vitrais da Basílica de Trindade/GO*. *História: Debates e Tendências* – v. 9, n. 2, jul./dez. 2009, p. 314-331, publ. Nº 1º sem. 2010

VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.